



Revista Iberoamericana de Diagnóstico y
Evaluación - e Avaliação Psicológica

ISSN: 1135-3848

associacaoaidap@gmail.com

Associação Iberoamericana de
Diagnóstico e Avaliação Psicológica
Portugal

Canavarro, María Cristina; Pereira, Ana Isabel

A percepção dos filhos sobre os estilos educativos parentais: A versão portuguesa do
EMBU-C

Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación - e Avaliação Psicológica, vol. 2,
núm. 24, 2007, pp. 193-210

Associação Iberoamericana de Diagnóstico e Avaliação Psicológica

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=459645447010>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A percepção dos filhos sobre os estilos educativos parentais: A versão portuguesa do EMBU-C

Children's perceptions of their parents rearing style:
the Portuguese version of EMBU-C

MARIA CRISTINA CANAVARRO¹, ANA ISABEL PEREIRA²

RESUMO

O presente trabalho teve por objectivo o estudo das qualidades psicométricas da versão portuguesa do EMBU-Crianças (EMBU-C). Este instrumento de avaliação, originalmente desenvolvido em espanhol, tem por objectivo avaliar a percepção que as crianças têm dos estilos educativos parentais dos seus progenitores. O estudo foi realizado numa amostra de 456 crianças portuguesas com idades compreendidas entre os 8 e os 11 anos.

A estrutura factorial da versão portuguesa, obtida através de análise de componentes principais, replica a estrutura da versão original composta por três factores, *Suporte Emocional*, *Rejeição* e *Tentativa de Controlo*. Os níveis de consistência interna são semelhantes aos obtidos na versão original e aceitáveis para fins de investigação e as três escalas do instrumento apresentam uma estabilidade temporal adequada.

Por fim, observaram-se algumas associações significativas entre as pontuações nas dimensões e a idade e sexo da criança e o sexo do progenitor, sendo estas diferenças debatidas em termos dos resultados obtidos na literatura.

Palavras chave: EMBU-C, estilos parentais educativos, percepção da criança, estudos psicométricos

1. Professora Associada da Faculdade de Psicologia e de Ciências da educação da Universidade de Coimbra; responsável pela Unidade de Intervenção Psicológica da Maternidade Doutor Daniel de Matos (UnIP). Universidade de Coimbra, Rua do Colégio Novo, Apartado 6153, 3001-802 Coimbra, e-mail: mcanavarro@fpce.uc.pt

2. Bolseira de Doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia (SFRH/BD/12308/2003). Docente da Escola Superior de Educação João de Deus. E-mail: aifreitaspereira@sapo.pt

ABSTRACT

The psychometric qualities of the Portuguese version of the EMBU – Children (EMBU – C) are presented in this article. The EMBU – C, originally presented in Spanish, has as its main purpose to evaluate children's perceptions of the rearing style of their parents. The sample of this study has comprised 456 Portuguese children aged from 8 to 11 years old.

The factorial structure of the Portuguese version, obtained through a principal components analysis, replicates the original version composed by three factors: Emotional Support; Rejection; Control Attempt. Levels of internal consistency are similar to the original version and are acceptable for research purposes. The three scales of the EMBU – C show adequate temporal stability.

At last, some significant associations between the factors and the children's age and gender and the parent's gender were obtained. These results are discussed considering major literature on the theme.

Keywords: EMBU-C, parental rearing style, children's perception, psychometric studies.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta os primeiros estudos psicométricos da versão portuguesa do EMBU-C, instrumento que tem por objectivo avaliar a percepção das crianças dos estilos parentais educativos dos seus progenitores. O EMBU-C foi desenvolvido com base no EMBU (Egna Minnen Beträffande Uppfostran - Perris, Jacobsson, Lindstrom, von Knorring, & Perris, 1980; versão portuguesa de Canavarro, 1996, 1999), que é um dos instrumentos de auto-relato mais utilizados na avaliação retrospectiva dos estilos parentais educativos. Um estudo de análise factorial realizado para a população alemã encontrou quatro

factores subjacentes às pontuações do EMBU para os pais e para as mães: suporte emocional, rejeição, sobreprotecção e preferência em relação aos irmãos.

Três destas escalas correspondem precisamente às duas principais dimensões do comportamento parental identificadas por diferentes autores (por exemplo, Cummings, Davies, & Campbell, 2000; Darling & Steinberg, 1993; Gallagher, 2002; Maccoby & Martin, 1983; Perris, 1994; Schaefer, 1965; O'Connor, 2002; Stewart & Bond, 2002). Os factores suporte emocional e rejeição correspondem aos dois pólos da dimensão do comportamento parental, habitualmente designada de suporte, aceitação ou afecto e

o factor sobreprotecção corresponde a um dos pólos da segunda dimensão do comportamento parental, o controlo (permissividade-restritividade).

Nos estudos psicométricos do EMBU realizados em 13 países (Arrindell, Perris, Eisemann, van der Ende, Gasgner, Iawawaki, Maj & Zang, 1994), os resultados mostraram níveis satisfatórios de variância intercultural para os três primeiros factores.

Uma das críticas que tem sido feita ao EMBU, que é uma crítica comum a outros instrumentos que recorrem à avaliação retrospectiva de acontecimentos, consiste na natureza reconstitutiva da memória e no facto destas recordações estarem sujeitas a diferentes enviesamentos (Gerlsma, 1994). Neste sentido, o EMBU-C de Castro e colaboradores (Castro, Toro, van der Ende & Arrindell, 1993; Castro, Toro, van der Ende, Arrindell & Puig, 1990) foi desenvolvido com o objectivo de avaliar os estilos parentais educativos percebidos pela criança, enquanto esta ainda vive com os pais, e tem a vantagem de tornar possível a avaliação, de forma transversal e prospectiva, da relação entre estilos parentais educativos e funcionamento psicopatológico e adaptativo dos filhos.

Embora a avaliação do comportamento parental possa ser realizada com o recurso a outras metodologias, por exemplo, a observação naturalista ou a observação no laboratório das interacções entre pais e filhos em tarefas estruturadas (Sessa, Avenevoli,

Steinberg, & Morris, 2001), os questionários de auto-relato apresentam diferentes vantagens. Entre elas, a sua facilidade de aplicação e o facto de permitirem o acesso ao conhecimento de aspectos das interacções e das relações entre pais e filhos que ocorrem pouco frequentemente, que são difíceis de observar ou que são difíceis de interpretar sem informação dos próprios. No mesmo sentido, a importância da experiência subjectiva no comportamento e desenvolvimento foi salientada por diferentes autores (Arrindell, Gerlsma, Vandereycken, Hegeman, & Daeseleire, 1998; Rohner, 2004; Schaefer, 1965; Sessa et al., 2001) que defendem que as percepções que os indivíduos têm dos seus pais podem ser ainda mais importantes do que o comportamento real dos pais.

O desenvolvimento do EMBU-C foi realizado com base no instrumento original da versão para adultos, tendo os autores da versão para crianças mantido, na medida do possível, o significado original de cada questão, o formato do questionário e as opções de resposta. Numa primeira abordagem, os autores (Castro et al., 1990) recorreram à análise factorial confirmatória e verificaram que a solução dos quatro factores da versão original (Arrindell et al., 1983) não se mostrou adequada à amostra de crianças espanholas. Assim, num segundo momento, Castro et al. (1993), adoptando uma abordagem mais exploratória, identificaram uma estrutura de

quatro factores semelhante à obtida com a versão original do EMBU, mas composta por uma menor quantidade de itens. Adicionalmente, as análises de consistência interna indicaram também uma fiabilidade satisfatória das escalas (Castro et al., 1993).

Nas próximas secções será descrito o processo de desenvolvimento da versão portuguesa do EMBU-C e serão apresentados os resultados dos estudos psicométricos desta versão, que foram realizados com uma amostra de crianças em idade escolar.

MÉTODO

Amostra

A amostra é constituída por 456 crianças que, no ano de 2003/2004 frequentavam o 3º ano e o 4º ano de escolaridade do ensino básico de escolas de diferentes zonas geográficas: Norte, Centro e Lisboa. As crianças tinham idades compreendidas entre os 8 e os 11 anos ($M=8,95$, $DP=0,78$). O grupo de crianças apresentava uma proporção equilibrada de crianças do sexo feminino (47,5%) e do sexo masculino (52,5%). A maioria das crianças pertencia a famílias nucleares intactas (88,3%), tinha um ou mais irmãos (78,6%) e habitava em zonas semi-urbanas ou urbanas (82,4%). As crianças pertenciam a níveis sócio-económicos distintos (baixo - 36%, médio - 31,3%, médio-alto e alto - 32,7%).

Instrumentos

O EMBU-C tem por objectivo a avaliação da percepção pelas crianças dos estilos parentais educativos dos progenitores, sendo a avaliação realizada separadamente para o pai e para a mãe. A versão original do EMBU-C (Castro et al., 1993) avalia os estilos parentais educativos em quatro dimensões - suporte emocional (15 itens), rejeição (11 itens), tentativa de controlo (10 itens) e preferência em relação ao irmão (5 itens). A escala conta no total com 52 itens, avaliados numa escala de tipo Likert, de 4 pontos, que vai desde “Não, nunca” a “Sim, sempre”.

Procedimento

O processo de tradução do EMBU-C para língua portuguesa foi desenvolvido em três momentos. Primeiramente, duas psicólogas clínicas realizaram traduções independentes do instrumento original, em espanhol, para a língua portuguesa. A comparação das duas versões apoiou a sua equivalência, dando origem apenas a pequenos ajustamentos na versão resultante. Seguidamente foi realizada a retroversão da versão portuguesa por uma terceira pessoa, bilingue, e após o confronto entre as duas versões, introduzidas algumas alterações na última versão do instrumento. Por fim, a versão portuguesa do EMBU-C foi aplicada individualmente a cerca de 15 crianças em idade escolar com o objectivo

de testar a clareza do vocabulário utilizado e realizadas afinações ao instrumento, com vista à sua versão final.

Num primeiro momento e previamente à recolha de dados, foram endereçados diferentes pedidos de autorização e colaboração: às Direcções Regionais de Educação (DRE) do Norte, do Centro, e de Lisboa, às direcções das escolas e aos professores de 1º ciclo. Depois da obtenção das autorizações das DRE, procedeu-se à apresentação do projecto a escolas e professores do 1º ciclo que iriam colaborar na recolha de dados. Foram contactados professores do 1º ciclo que leccionavam turmas de alunos dos 3º e 4º anos de escolaridade. Todos os professores contactados concordaram em participar no estudo.

Os professores depois de seleccionarem aleatoriamente entre 3 a 11 alunos das suas turmas, contactaram com os pais das crianças no sentido de lhes ser pedida a autorização e colaboração para o estudo. Do total de famílias contactadas, 591 aceitaram participar no estudo, existindo apenas cerca de 5% de pais que não aceitaram participar.

Do total das crianças que responderam aos questionários, fizeram parte da amostra deste estudo 556 crianças (das quais 530 responderam relativamente a ambos os progenitores, 35 responderam apenas em relação à mãe e 6 responderam apenas em relação ao pai). As restantes crianças que não fazem parte da amostra correspondem a três crianças que faltaram à escola no dia da avaliação e a trinta e dois

questionários em que se verificaram um ou mais itens omissos.

A aplicação dos instrumentos foi realizada nas escolas por entrevistadores com formação para o efeito. O EMBU-C era aplicado conjuntamente com outros instrumentos, que faziam parte de um protocolo de investigação mais alargado. Em primeiro lugar foi explicado à criança os objectivos da entrevista e assegurada a confidencialidade das respostas. O EMBU-C foi aplicado às crianças individualmente ou em pequenos grupos, que poderiam ser constituídos por um número máximo de 11 alunos, na presença de um entrevistador que lia as instruções e o item exemplo em voz alta. Depois de verificar a compreensão de todas as crianças, relativamente ao item exemplo, as crianças preenchiavam o instrumento de forma autónoma.

Análise estatística

A determinação da estrutura factorial da versão portuguesa do Embu-C seguiu um procedimento semelhante ao utilizado por Castro et al. (1993) na validação do instrumento original. O desenvolvimento da versão original foi realizado junto de uma amostra de 205 alunos entre os 7 e os 12 anos. A determinação da estrutura factorial foi feita com base na Análise de Componentes Principais, com rotação Varimax, de um pólo inicial de 81 itens. Deste conjunto inicial de itens, os autores chegaram a 41 itens pertencentes a 4 factores (*Suporte Emocional*,

Rejeição, Tentativa de Controlo e Sujeito Favorito). Foram incluídos todos os itens que apresentavam um peso superior a 0,40 num dos factores e um peso baixo a moderado nos restantes. Uma outra condição para a determinação da solução factorial, era que esta se mantivesse para ambos os progenitores.

No presente estudo, previamente à realização das Análises de Componentes Principais, foram eliminados todos os itens que pressupunham a existência de irmãos, dado que, na versão original espanhola, a dimensão *Preferência em relação aos irmãos* não se mostrou particularmente relevante, de acordo com o geralmente referido na literatura sobre estilos parentais. Acresce, por outro lado, que a inclusão destes itens nas análises tinha por consequência a eliminação dos questionários respondidos por pais com apenas um filho, o que implicava a diminuição do número de sujeitos incluídos nas análises e tornava os resultados destas análises não generalizáveis a este tipo de famílias. Assim, um conjunto de 33 itens foi sujeito a Análise de Componentes Principais, com determinação prévia de três factores. Apenas os pesos superiores a 0,35 foram aceites para definir a pertença de um item ao factor.

Depois de determinada a estrutura factorial do EMBU-C, realizaram-se estudos de fiabilidade das sub-escalas que resultaram da análise factorial. A fiabilidade foi avaliada através de análises de consistência interna, pela

determinação do alfa de *Cronbach* e da correlação média inter-item e através da análise de estabilidade temporal, recorrendo ao cálculo do coeficiente de correlação de Pearson.

Por fim, foram explorados os dados relativos à estatística descritiva das diferentes sub-escalas através do cálculo de médias e desvios-padrão. Foram ainda averiguadas a existência de associações significativas entre as pontuações das sub-escalas e o sexo e idade das crianças e o sexo dos progenitores, através do cálculo do coeficiente de correlação de Pearson e da comparação de médias recorrendo ao teste *t* para amostras independentes e ao teste *t* para amostras dependentes.

RESULTADOS

Estrutura Factorial

A estrutura factorial da versão portuguesa do EMBU-C foi realizada a partir de Análises de Componentes Principais, com rotação Varimax, e com a determinação prévia de 3 factores. Depois de serem retirados os itens relativos aos irmãos, as análises foram realizadas de forma independente para as respostas das mães e para as respostas dos pais. Para a inclusão de um item num factor, esse item teria que ter um peso superior a 0,35 num dos três factores nas análises das respostas relativas às mães ou nas análises das respostas relativas aos pais. No caso de três itens que apresenta-

vam um peso factorial superior a 0,35 em dois factores, a pertença factorial foi definida pelo peso factorial mais elevado, ou num caso mais ambíguo o item foi incluído na dimensão com menos itens.

A percentagem de variância das respostas do EMBU-C relativamente ao comportamento dos pais explicada pelos três factores é de 31,68. No que diz respeito às respostas relativas à mãe, a percentagem de variância explicada é de 30,32. A percentagem de variância explicada neste estudo é

superior à do estudo do EMBU-C da versão de Castro et al. (1993) e ao estudo da versão do EMBU-C de Markus, Lindhout, Bóer, Hoogendijk e Arrindell (2003). Os três factores receberam a mesma designação dos factores equivalentes na versão original.

O primeiro factor, *Suporte Emocional* (Quadro 1), é o de maior dimensão, englobando 14 itens. Este factor refere-se à disponibilidade afectiva e física dos progenitores, à comunicação dos afectos e a comportamentos que manifestam a aceitação da criança por parte dos pais.

Quadro 1. Resultados da Análise de Componentes Principais, com Rotação Varimax – Factor 1 – Suporte Emocional

Nº	Descrição do item	Peso	
		Pai	Mãe
1	Os teus pais dizem-te que gostam de ti e abraçam-te ou beijam-te?	0,58	0,55
3	Se fazes algo mal, podes resolver a situação se pedires desculpa aos teus pais?	0,41	0,33
7	Se as coisas te correm mal, achas que os teus pais te tentam compreender?	0,64	0,61
9	Achas que os teus pais te ajudam quando tens que fazer algo difícil?	0,55	0,57
12	Os teus pais demostram-te que estão contentes contigo?	0,61	0,62
13	Achas que os teus pais confiam em ti e te deixam decidir coisas por tua conta?	0,59	0,5
14	Achas que os teus pais te escutam e têm em conta as tuas opiniões?	0,52	0,54
16	Achas que os teus pais querem ajudar-te?	0,62	0,57
20	Os teus pais fazem alguma coisa para que te divirtas e aprendas coisas (por exemplo comprar livros, procurar que saias num passeio, etc.)?	0,58	0,51
21	Os teus pais dizem-te que te portas bem?	0,49	0,48
24	Quando estás triste os teus pais consolam-te e animam-te?	0,7	0,69
27	Os teus pais gostam de ti como és?	0,45	0,44
29	Os teus pais jogam contigo e participam nas tuas diversões?	0,59	0,57
32	Se os teus pais estão contentes contigo, demonstram-te com abraços, beijos, carícias, etc.?	0,63	0,66
Raízes latentes		5,21	4,71
% variância explicada		15,79	14,28

O segundo factor (Quadro 2), *Rejeição* é composto por 8 itens, que manifestam hostilidade física e verbal dos pais para com a criança e comportamentos de rejeição.

Quadro 2. Resultados da Análise de Componentes Principais, com Rotação Varimax – Factor 2 – Rejeição

Nº	Descrição do item	Peso	
		Pai	Mãe
2	Sentes-te triste quando os teus pais não te dão o que queres?	0,28	0,38
10	Tratam-te como o “mau da história” e deitam-te as culpas de tudo o que acontece em tua casa?	0,53	0,52
11	Os teus pais gostavam que te parecesses com outra criança?	0,34	0,39
17	Achas que os teus pais são “forretas” e “duros” contigo?	0,51	0,60
25	Os teus pais dizem que não gostam da maneira como te comportas em casa?	0,49	0,46
26	Os teus pais zangam-se ou chamam-te de preguiçoso à frente de outras pessoas?	0,58	0,54
28	Os teus pais batem-te sem motivo?	0,56	0,60
31	Os teus pais ficam tristes ou aborrecidos contigo sem te dizerem a razão?	0,52	0,50
Raízes latentes		2,71	2,76
% variância explicada		8,20	8,37

Por fim, um último factor (Quadro 3), *Tentativa de Controlo*, composto por 10 itens, corresponde a comportamentos que têm por objectivo o controlo do comportamento da criança, a comportamentos que visam a adesão do comportamento da criança às expectativas dos pais, com o recurso, inclusive, a estratégias de indução de culpa, e a comportamentos de sobreprotecção.

Existe uma quase total equivalência entre a composição das três sub-escalas na versão portuguesa e na versão original de Castro et al. (1993), uma vez que todos os itens das escalas da versão portuguesa pertencem à escala equivalente na versão original. Apenas um item, que pertence na versão original à sub-escala *Suporte Emocional*, foi eliminado por não apresentar um peso factorial superior a 0,35 em nenhum dos três factores.

Quadro 3. Resultados da Análise de Componentes Principais, com Rotação Varimax – Factor 3 – Tentativa de Controlo

Nº	Descrição do item	Peso	
		Pai	Mãe
4	Os teus pais dizem-te como te deves vestir, pentear...?	0,35	0,34
5	Os teus pais proibem-te de fazer coisas que os teus amigos podem fazer, por medo que te aconteça algo de mal?	0,55	0,50
6	Os teus pais preocupam-se em saber o que fazes quando saís da escola, quando saís com algum amigo, etc.?	0,28	0,37
8	Quando fazes algo mal, os teus pais ficam tão tristes que te fazem sentir culpado?	0,43	0,43
15	Os teus pais querem que lhes contes os teus segredos?	0,40	0,39
18	Os teus pais dizem-te coisas como esta: “Se fazes isto, vou ficar muito triste”?	0,36	0,34
19	Ao chegar a casa tens que contar aos teus pais o que fizeste?	0,42	0,41
22	Os teus pais dizem-te que não te comprem algo para que não sejas um menino	0,38	0,36
23	Sentes-te culpado quando não te comportas como os teus pais querem?	0,53	0,61
30	Os teus pais têm demasiado medo que te aconteça algo de mal?	0,50	0,46
Raízes latentes		2,54	2,53
% variância explicada		7,69	7,66

Fiabilidade

Para averiguar a fiabilidade do EMBU-C foram realizadas análises de consistência interna bem como análises de estabilidade temporal para as diferentes sub-escalas, considerando separadamente as respostas fornecidas pelas mães e pelos pais (Quadro 4). Os valores do coeficiente alfa encontrados (valores entre 0,62 e 0,85) são considerados aceitáveis para efeitos de investigação. A correlação média inter-itens das

diferentes sub-escalas aproxima-se dos aconselhados por Briggs e Cheek (1986). Os níveis de consistência interna (Quadro 4), avaliados pelo coeficiente de alfa de Cronbach e pela correlação média inter-itens, são semelhantes aos obtidos na versão de Castro et al. (1993). À semelhança de outros estudos (Castro et al., 1993; Muris, Meesters, van der Berg, 1998; Markus et al., 2003) a sub-escala que apresenta uma menor correlação inter-item é a sub-escala *Tentativa de Controlo*.

Quadro 4. Consistência Interna: EMBU-C - α de Cronbach e correlação média inter-item

	Pai		Mãe	
	α de Cronbach	Correl. Média Interitens	α de Cronbach	Correl. Média Interitens
Suporte Emocional	0,85	0,29	0,83	0,27
Rejeição	0,62	0,18	0,63	0,18
Tentativa de Controlo	0,65	0,15	0,63	0,14

Um sub-grupo de crianças da amostra respondeu novamente ao EMBU-C passadas 4 a 6 semanas da primeira aplicação. A consistência entre o teste e o reteste foi avaliada através do coeficiente de

correlação de *Pearson*. Os resultados (Quadro 5) revelam associações positivas e significativas entre o teste e o reteste de todas as sub-escalas, sendo as associações de magnitude elevada.

Quadro 5. Estabilidade Temporal - Coeficiente de correlação de Pearson entre as duas aplicações do EMBU-C

	Pai	Mãe
Suporte Emocional	0,74 ****	0,70****
Rejeição	0,73****	0,70****
Tentativa Controlo	0,68****	0,56****

****p<0,001

Correlações entre escalas

Os padrões de associações entre cada uma das sub-escalas são idênticos para as respostas relativamente a ambos os progenitores (Quadro 6). Assim, no sentido do esperado, verificam-se associações negativas e significativas entre as sub-escalas *Suporte Emocional* e a *Rejeição* e

associações positivas e significativas entre as sub-escalas *Rejeição* e *Tentativa de Controlo*. Observa-se igualmente uma associação positiva e significativa entre as sub-escalas *Suporte Emocional* e *Tentativa de Controlo*, ainda de maior magnitude que a associação entre as sub-escalas *Rejeição* e *Tentativa de Controlo*.

Quadro 6. Correlações entre sub-escalas: Embu-C respondido em relação ao pai e à mãe

	Pai		Mãe	
	Rejeição	Tentativa Controlo	Rejeição	Tentativa Controlo
Suporte Emocional	-0,11**	0,46****	-0,14****	0,40****
Rejeição		0,25****		0,26****

p<*** 0,01;p< ***0,005; ****p<0,001

Estatística descritiva das escalas

As médias e desvios padrões das

pontuações das três sub-escalas para ambos os progenitores encontram-se no Quadro 7.

Quadro 7. Pontuações médias e desvios-padrões das diferentes escalas do EMBU-C

	Pai		Mãe	
	Média	DP	Média	DP
Suporte Emocional (14 itens)	43,46	7,48	44,47	6,96
Rejeição (8 itens)	11,94	3,14	12,07	3,24
Tentativa Controlo (10 itens)	23,48	5,18	24,6	5,03

De forma geral, as crianças percebem níveis elevados de suporte emocional do pai e da mãe (os valores médios dos itens para a sub-escala *Suporte Emocional* são 3,10 relativamente ao pai e 3,18 relativamente à mãe), níveis moderados a elevados de controlo (sendo os valores médios dos

itens da subescala *Tentativa de Controlo* de 2,35 para o pai e de 2,46 para a mãe). Por fim, as crianças da amostra do presente estudo percebem níveis baixos a moderados de rejeição (os valores médios dos itens para a sub-escala *Rejeição* são 1,49 para o pai e 1,51 para a mãe).

Associações entre sub-escalas do EMBU-C, idade e sexo da criança e sexo do progenitor

Os resultados apoiam a existência de diferenças dos estilos parentais educativos em função do sexo da criança (Quadro 8). As raparigas

percebem significativamente menos rejeição por parte dos pais e das mães e menos controlo por parte dos pais. As crianças do sexo feminino percebem também significativamente mais suporte emocional da mãe comparativamente às crianças do sexo masculino.

Quadro 8. EMBU-C: diferenças em função do sexo da criança

	Feminino M (DP)	Masculino M (DP)	Teste T p/ amostra ind.
Pai			
Suporte Emocional	44,00 (7,20)	42,96 (7,71)	n.s.
Rejeição	11,47 (3,01)	12,36 (3,20)	t=-3,32, p=0,001
Tentativa Controlo	22,66 (5,03)	24,23 (5,21)	t=-3,55, p<0,001
Mãe			
Suporte Emocional	45,52 (6,46)	43,52 (7,27)	t=3,42, p=0,001
Rejeição	11,73 (3,20)	12,37 (3,25)	t=-2,33, p=0,02
Tentativa Controlo	24,18 (5,05)	24,97 (4,99)	n.s.

Como se pode observar no Quadro 9, as associações entre a idade e as diferentes dimensões dos estilos educativos parentais são todas negativas e, com exceção da dimensão *Suporte*

Emocional do pai, são todas significativas. Deste modo, quanto mais novas são as crianças, maior é a sua percepção de suporte emocional, de rejeição e de tentativa de controlo.

Quadro 9. EMBU – C: correlações com idade das crianças

	Pai	Mãe
	Idade Criança	Idade Criança
Suporte Emocional	-0,08	-0,09*
Rejeição	-0,12***	-0,09*
Tentativa Controlo	-0,13***	-0,11**

* p<0,05, **p<0,01, ***p<0,005

Finalmente, observaram-se diferenças significativas entre os estilos parentais educativos de pais e mães relativamente a todas as dimensões (Quadro 10). As crianças percebem

significativamente níveis mais elevados de suporte emocional, rejeição e tentativa de controlo por parte da mãe comparativamente ao comportamento parental do pai.

Quadro 10: EMBU-C. diferenças em função do sexo dos progenitores

	Pai M (DP)	Mãe M (DP)	Teste T p/ amostras depen
Suporte Emocional	43,48 (7,49)	44,63 (6,85)	t=-6,69, p<0,001
Rejeição	11,92 (3,13)	12,06 (3,25)	t=-2,34, p<0,001
Tentativa Controlo	23,42 (5,21)	24,66 (5,02)	t=-10,39, p<0,001

DISCUSSÃO

O presente trabalho tinha por principal objectivo a descrição do desenvolvimento da versão portuguesa do EMBU-C e a apresentação dos estudos psicométricos desta versão.

Nos estudos de adaptação de uma escala de avaliação do comportamento parental a um contexto cultural diferente daquele em que a escala foi originalmente desenvolvida, deve existir o cuidado de avaliar o significado de determinados comportamentos parentais, quando o significado específico desse comportamento é desconhecido (Stewart & Bond, 2002). Assim, numa primeira parte deste estudo foi realizada uma análise de componentes principais cujos resultados indicam que a estrutura factorial da versão portuguesa replica

a estrutura factorial da versão original de Castro et al. (1993), sendo os três factores da versão portuguesa, *Suporte Emocional*, *Rejeição* e *Tentativa de Controlo*, constituídos pelos mesmos itens dos três factores equivalentes da versão espanhola.

Arrindell e van der Ende (1984) descrevem estas três dimensões avaliadas pelo EMBU segundo as definições de Rollin e Thomas (1979). A primeira dimensão, *suporte emocional*, é definida como o tipo de comportamento manifestado pelos pais relativamente à criança que a faz sentir confortável na presença dos pais e que lhe confirma que ela é basicamente aceite e aprovada como pessoa pelo progenitor. Por outro lado, a dimensão *tentativa de controlo* consiste no comportamento dos pais que tem por objectivo orientar o comportamento

da criança para que aquele esteja de acordo com o que os progenitores desejam. Por fim, a dimensão *rejeição* é descrita como os comportamentos dos pais que visam modificar a vontade dos filhos e que são sentidos por estes como uma rejeição de si próprio enquanto indivíduo.

Os níveis de consistência interna, avaliados pelo coeficiente de alfa de Cronbach e pela correlação média inter-itens, são semelhantes aos obtidos na versão de Castro et al. (1993) e aceitáveis para fins de investigação. À semelhança de outros estudos (Castro et al., 1993; Muris et al., 1998; Markus et al., 2003) a sub-escala que apresenta uma menor correlação inter-ítem é a sub-escala *Tentativa de Controlo*.

Os resultados apoiam igualmente a existência de uma boa estabilidade temporal, uma vez que se verificam associações, todas elas positivas, significativas e de magnitude elevada, entre os resultados de uma primeira aplicação e de uma segunda aplicação passadas 4 a 6 semanas. Os valores das associações entre teste e reteste são mais elevados relativamente às sub-escalas *Suporte Emocional* e *Rejeição*, comparativamente com a escala *Tentativa de Controlo*. Como nenhum dos estudos realizados com a versão original do EMBU-C apresentou dados relativos à estabilidade temporal, não se podem fazer quaisquer comparações com os dados do instrumento original.

No que concerne às associações entre as diferentes sub-escalas, no mesmo sentido do revelado por outros estudos realizados junto destas faixas etárias (Markus et al., 2003) e também com adolescentes (Gerlsma, Arrindell, van der Veen & Emmelkamp, 1991) e adultos (por exemplo, Arrindell et al., 1983; Arrindell et al., 2005), observam-se associações negativas e significativas entre as sub-escalas *Suporte Emocional* e *Rejeição* e associações positivas e significativas entre as sub-escalas *Rejeição* e *Tentativa de Controlo*. Verifica-se ainda uma associação positiva e significativa entre as sub-escalas *Suporte Emocional* e *Tentativa de Controlo*, que neste estudo é ainda de maior magnitude do que a encontrada entre as sub-escalas *Rejeição* e *Tentativa de Controlo*. Estes resultados replicam os resultados encontrados por outros estudos realizados com amostras de crianças (Markus et al., 2003), mas são diferentes dos resultados encontrados junto de amostras com adultos (Arrindell et al., 1983), sugerindo a existência de um significado diferente da dimensão *Tentativa de Controlo* para a infância.

Castro et al. (1993) e Markus et al. (2003) consideram que a associação positiva entre percepção de comportamentos parentais de controlo e percepção de suporte emocional, por parte dos progenitores, é específica do período da infância. Para estes autores, os comportamentos que, na adolescência e na fase adulta, são interpretados

como intrusivos podem ser interpretados, na infância, como reveladores de envolvimento e atenção por parte dos pais. Também relacionado com a dimensão *Tentativa de Controlo*, Castro et al. (1993) chamam a atenção para a maior heterogeneidade de conteúdo desta dimensão, que inclui dimensões qualitativamente diferentes de comportamentos de controlo. Alguns comportamentos de controlo, mais coercivos, têm uma conotação mais negativa, enquanto outros comportamentos de controlo, que recorrem a estratégias de indução, poderão ter um significado mais positivo. Esta maior heterogeneidade da dimensão *Tentativa de Controlo* é apoiada pelos resultados deste e de outros estudos (Castro et al., 1993; Markus et al., 20003; Muris et al., 1998).

Foram ainda exploradas as associações entre as pontuações das diferentes sub-escalas e o sexo e a idade da criança. Quanto às diferenças de sexo, os resultados apoiam o estudo de Markus et al. (2003) verificando-se uma percepção de menor rejeição e tentativa de controlo e de maior suporte emocional por parte das crianças do sexo feminino. Os resultados das associações entre a idade da criança e as pontuações das diferentes sub-escalas replicaram os de Castro et al. (1993), observando-se uma associação negativa entre a idade e as três sub-escalas.

Por fim, os resultados das análises comparativas entre os estilos parentais educativos das mães e dos pais vão no sentido dos encontrados por outros estudos (Castro et al., 1997; Paulson & Sputa, 1996). As crianças percebem, por parte das mães, níveis mais elevados de *Suporte Emocional*, de *Rejeição* e de *Tentativa de Controlo*. Uma hipótese que poderá dar conta deste resultado é o maior envolvimento das mães na parentalidade e nos cuidados prestados aos filhos.

Em síntese, este trabalho revela que a versão portuguesa do EMBU-C apresenta qualidades psicométricas adequadas, favoráveis à sua utilização junto de crianças portuguesas em idade escolar. No futuro deverão ser realizados mais estudos que aprofundem o conhecimento sobre as qualidades psicométricas deste instrumento e que permitam a aplicação destes instrumento a crianças de outras faixas etárias. Um aspecto interessante a aprofundar é o da validade convergente do questionário, estudo que poderá ser realizado recorrendo à versão portuguesa do EMBU-P, questionário desenvolvido recentemente pelos autores deste trabalho com o objectivo de avaliar os estilos parentais educativos segundo a percepção de pais de crianças em idade escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arrindell, W.A., Akkerman, A., Bagés, N., Feldman, L., Caballo, V. E., Oei, T. P. S., Torres, B., Canada, G., Castro, J., Montgomery, I., Davis, M., Calvo, M. G., Kenardy, J. A., Palenzuela, D. L., Richards, J. C., Leong, C. C., Simón, M. A., & Zaldívar, F. (2005). The short EMBU in Austrália, Spain and Venezuela: factorial invariance, and associations with sex roles, self-esteem, and Eysenckian Personality Dimensions. *European Journal of Psychological Assessment*, 21 (1), 56-66.
- Arrindell, W.A., Perris, C., Eisemann, M., van der Ende, J.F., Gasgner, P. Iawawaki, S., Maj, S., & Zhang, J. (1994). Parental rearing behaviour from a cross-cultural perspective: a summary of data obtained in 14 nations. In C. Perris, W. Arrindell, & M. Eisemann (Eds.), *Parenting and Psychopathology* (pp.145-171). New York: John Wiley & Sons.
- Arrindell, W.A., Emmelkamp, P.M.G., Monsma, A., & Brilman, E (1983). Psychiatric evaluation of an inventory for assessment of parental rearing practices. *Acta Psychiatrica Scandinavia*, 67, 163-177.
- Arrindell, W. A., & Van Der Ende, J. (1984). Replicability and invariance of dimensions of parental rearing behaviour: further Dutch experiences with the EMBU. *Personality and Individual Differences*, 5 (6), 671-682.
- Arrindel, W.A., Gerlsma, C., Vandereycken, W., Hegeman, W. J. J. M., & Daeseleire, T. (1998). Convergence validity of the dimensions underlying the parental bonding instrument (PBI) and the EMBU. *Personality and Individual Differences*, 24 (3), 341-350.
- Briggs, S. R. & Cheek, J. M. (1986). The role of factor analysis in the development and evaluation of personality scales. *Journal of Personality*, 54 (1), 106-149.
- Canavarro, M. C. (1996). Avaliação das práticas educativas através do EMBU: estudos psicométricos. *Psychologica*.16, 5-18.
- Canavarro, M. C. (1999). *Relações Afetivas e Saúde Mental*. Coimbra: Quarteto Editora
- Castro, J. Toro, J., Van Der Ende, J., & Arrindell, W.A. (1993). Exploring the feasibility of assessing perceived parental rearing styles in Spanish children with the EMBU. *The International Journal of Social Psychiatry*, 39, (1), 47-57.
- Castro, J., Toro, J., Arrindell, W.A., van der Ende, J., & Puig, J. (1990). Perceived parental rearing style in spanish adolescents, children and parents; three new forms of the EMBU. In C.N. Stefanis, C.R. Soldatos, & A.D. Rabavillas (Eds.), *Psychiatry: a World Perspective* (pp.345-349), vol. 4. Amsterdam: Elsevier Science Publishers BV.

- Cummings, M. E.; Davies, P. T., & Campbell, S. B. (2000). *Developmental Psychopathology and family process: theory, research and clinical implications*. New York: Guilford Press.
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: an integrative model. *Psychological Bulletin*, 113 (3), 487-496.
- Gallagher, K. C. (2002). Does child temperament moderate the influence of parenting on adjustment? *Developmental Review*, 22, 623-643.
- Gerlsma, C. (1994). Parental rearing styles and psychopathology: notes on the validity of questionnaires for recalled parental behaviour. In C. Perris, W. A. Arrindell, & M. Eisemann (Eds.), *Parenting and Psychopathology* (pp. 75-106). New York: John Wiley and Sons.
- Gerlsma, C., Arrindell, W. A., & Emmelkamp, P.M.G. (1991). Mood and memories of early parenting: connotation of two parental rearing style questionnaires. *Personality and Individual Differences*, 12, 551-555.
- Maccoby, E. E., & Martin, J. A. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In M. Hetherington (Ed.), *Handbook of child psychology: Vol. 4. Socialization, personality and social development* (pp. 1-101). New York: Wiley.
- Markus, M. T., Lindhout, I. E., Boer, F., Hoogendijk, Arrindell, W. A. (2003). Factors of perceived parental rearing styles: the EMBU-C examined in a sample of Dutch primary school children. *Personality and Individual Differences*, 34, 503-519.
- Muris, P., Meesters, C., van der Berg, S. (2003). Internalizing and externalizing problems as correlates of self-reported attachment style and perceived parental rearing in normal adolescents. *Journal of Child and Family Studies*, 12 (2), 171-183.
- O'Connor, T. (2006). Annotation: the 'effects' of parenting reconsidered: findings, challenges, and applications. *Journal of Psychology and Psychiatry*, 43 (5), 555-572.
- Paulson, S. E. & Sputa, C. L. (1996). Patterns of parenting during adolescence: Perceptions of adolescents and parents. *Adolescence*, 31, 369-381.
- Perris, C., Jacobsson, L., Lindstrom, H., von Knorring, L., & Perris, H. (1980). Development of a new inventory assessing memories of parental rearing behaviour. *Acta Psychiatr Scand*, 61 (4), 265-74.
- Perris, C. (1994). Linking the experience of Dysfunctional parent rearing with manifest of psychopathology: a theoretical framework. In C. Perris, W. A. Arrindell, & M. Eisemann (Eds.), *Parenting and Psychopathology* (pp. 3-32). New York: John Wiley and Sons.
- Rohner, R. P. (2004). The parental "acceptance-rejection syndrome": Universal correlates of perceived rejection. *American Psychologist*, 59, 827-840.

- Schaefer, E. S. (1965). Children's reports of parental behavior: an inventory. *Child Development*, 36, 413-24.
- Sessa, F. M., Avenevoli, S., Steinberg, L., & Morris, A. S. (2001). Correspondence among informants on parenting: preschool children, mothers and observers. *Journal of Family Psychology*, 15 (1) , 53-68.
- Stewart, S. M., & Bond, M. H. (2002). A critical look at parenting research from the mainstream: problems uncovered while adapting Western research to non-Western cultures. *British Journal of Developmental Psychology*, 20, 379-392.